Memórias de uma falsificadora

Texto: A partir do livro de Margarida Tengarrinha,
Memórias de uma falsificadora: a luta na clandestinidade pela liberdade em Portugal
Direção e adaptação: Joaquim Horta **Interpretação:** Catarina Requeijo **Desenho de luz e vídeo:** Miguel Manso
Coprodução: Horta – produtos culturais, Truta, Museu do Aljube e São Luiz Teatro Municipal.

Local e data de estreia

São Luiz Teatro Municipal
22 abril 2022

Marta Brites Rosa

Epopeia do quotidiano desprezado

Memórias de uma falsificadora é um espectáculo dirigido por Joaquim Horta e interpretado por Catarina Requeijo, a partir do texto autobiográfico de Margarida Tengarrinha, *Memórias de uma falsificadora: a luta na clandestinidade pela liberdade em Portugal*, apresentado entre 22 e 30 de abril de 2022, no teatro São Luiz, em Lisboa.

Quando o espectador entra na sala, o palco está ocupado por uma mesa de escritório em madeira, onde se encontram um candeeiro dos anos 1950, alguns livros e papéis. Uma cadeira de madeira e várias malas de viagem antigas completam o cenário. O fundo da sala são as paredes pretas do teatro com tubos e canos à mostra.

A atriz entra em cena e dirige-se ao público num tom de voz coloquial, apresentando-se como Catarina Requeijo, "trabalhadora intermitente" a quem outros pagam para a ver ser outras pessoas. Mostra, depois, o seu bilhete de identidade e relata episódios recentes da sua vida pessoal: de como passou o 25 de Abril de 2020, quando cantou a *Grândola Vila Morena* da varanda de casa na companhia do marido e do filho. Inicia, com esta pequena evocação do passado recente, uma ligação empática com os espectadores que recordam os dias de abril de 2020, em que cada um, confinado em sua casa, festejara, à sua maneira, o Dia da Liberdade. Os mesmos que em abril de 2022 finalmente puderam celebrar na rua a liberdade em toda a sua pujança.

A passagem da *persona*-atriz para a personagem Margarida Tengarrinha dá-se de forma subtil, mas percetível: sentada à secretária, de óculos postos e desenhando, quem fala passa a ser Margarida Tengarrinha. A atriz despe literalmente a personagem: o vestido florido com que chegou à cena é largado no chão e substituído por uma saia escura e uma camisa branca com um casaco de malha castanho. Esta é a roupa da falsa mulher que Margarida Tengarrinha foi no início do período de clandestinidade. É o traje de uma vulgar dona de casa que veste o corpo de uma revolucionária, devotada a uma causa e a um país e que verá a sua vida ser moldada pela dedicação a essa causa.

Fig. 1 – *Memórias de uma falsificadora*, enc. Joaquim Horta, Teatro Municipal São Luiz, 2022, [F] Estelle Valente / Teatro São Luiz

Margarida conta-nos, então, a história da sua vida e dos seus amores. Fala-nos de José Dias Coelho com quem, ainda estudante na Faculdade de Belas Artes, deu os primeiros passos na luta anti-fascista através de pequenas ações simbólicas e disruptivas do quotidiano lisboeta: lançar escritos de intervenção do alto do Elevador de Santa Justa, pichar paredes com palavras proibidas e subversivas como "paz", e desenhar a pomba de Pablo Picasso por toda a parte num gesto rápido e seguro, conseguido através da prática repetida. Estas ações levaram a que a sua vida e a de José Dias Coelho fossem coartadas pela PIDE, que os proibiu de exercer a sua profissão como professores nas escolas onde estavam colocados e de se empregarem noutros locais. Margarida foi ainda expulsa da Faculdade de Belas Artes e proibida de frequentar outros estabelecimentos de ensino no país. Em 1954 é abordada pelo Partido Comunista Português para entrar na clandestinidade, o que faz no ano seguinte, na companhia do marido, José Dias Coelho, e da filha de um ano, Teresa Dias Coelho.

Ao longo do monólogo, as datas importantes da vida de Margarida Tengarrinha são indicadas através de cartões onde está inscrito o ano, funcionando como uma legenda da narrativa que nos é contada nesse momento. Os dias como clandestina obrigam a que assuma uma identidade nova, que se mantenha dentro de casa, que fale o menos possível com outras pessoas, que se dê pouco a conhecer e que consiga obter o máximo de informação sobre todos os que estão à sua volta. Estas obrigações impediram-na durante anos de criar os seus próprios laços de amizade com as pessoas que a circundavam, e as relações que manteve com outras mulheres, apenas dentro do partido, foram raras, breves, mas sempre fundamentais na sua vida.

Margarida Tengarrinha explica que escreveu o seu livro porque "quando l[ê] relatos de vários camaradas, que já foram publicados, constat[a] que falam de factos políticos importantes, momentos altos e heróicos da luta, mas nunca abordam estas questões do quotidiano que nós mulheres vivemos pacientemente". Mas esse "quotidiano desprezado", como o classifica Joaquim Horta na folha de sala do espetáculo, é um ato heroico, talvez até mais heroico, porque estas mulheres abdicaram das suas vidas como mães, esposas, filhas, irmãs, amigas. Dentro das quatro paredes da casa do partido não havia mais espaço do que para a causa e para um núcleo familiar reduzido. O que se moldasse à causa ficava, o que não se adequava era excluído. Foi assim que, em 1959, Margarida teve de afastar a sua primeira filha, depois de esta, inadvertidamente, ter colocado em perigo as suas identidades.

Fig. 2 - *Memórias de uma falsificadora*, enc. Joaquim Horta, Teatro Municipal São Luiz, 2022,
[F] Estelle Valente / Teatro São Luiz

Fig. 3 - *Memórias de uma falsificadora*, enc. Joaquim Horta, Teatro Municipal São Luiz, 2022,
[F] Estelle Valente / Teatro São Luiz

Em cena, arruma dentro de uma mala dois sapatinhos de criança que se encontravam pousados em cima da mesa desde que referira o nascimento da primeira filha. Sem nunca parar a narrativa, muda de figurino (e muda de identidade): camisola de xadrez e lenço ao pescoço. Descreve a entrega da filha, simbolizada pela mala, que ficará pousada junto de outras malas na direita do palco, acompanhada do cartão com o ano deste acontecimento. A pilha de malas representa a constante partida de casas e pessoas, malas que servem de arquivo a identidades que já não podem ser vividas, como ser mãe de uma menina de cinco anos. A pilha será acrescida lentamente com outras malas significativas de outras partidas, de outras pessoas que apenas passarão a existir na sua memória.

Poucos dias antes do Natal de 1961, José Dias Coelho sai de casa e não regressa durante três dias. Pensando que o marido teria sido preso pela PIDE, Margarida prepara um saco com roupas, um pijama e pequenas lembranças de Natal feitas pela filha mais nova para o pai, que planeia entregar a um membro do partido com quem tinha um encontro marcado. Ao alertar o camarada de que o seu marido deveria estar preso, Margarida ouve em resposta a brutal notícia do seu assassinato pela PIDE e de que o funeral já se realizara. De braço estendido, Margarida olha de frente para o público e segura o saco com a roupa que mais ninguém vestirá, as prendas para um pai que já não existe, enquanto a música *A morte saiu à rua* de José Afonso é ouvida na íntegra. Na parede escura, ao fundo, são projetados retratos de José Dias Coelho, retirados do arquivo da PIDE.

Margarida foi impossibilitada de se despedir do marido, de chorar a sua morte, de fazer o luto da única pessoa com quem podia ser ela mesma. Faz mais uma mala, veste agora a identidade da viúva de um soldado do ultramar, sublinhada por um vestido preto, que substitui a identidade anterior. Uma nova mala é deixada na pilha de bagagens, legendada por um cartão "1961". Um ano marcante na sua vida pessoal e na história da resistência ao fascismo.

Ao longo de cerca de uma hora a atriz dá voz e corpo a uma pessoa real, num diálogo íntimo e próximo do espectador, criando uma relação de familiaridade, quase como se o público fosse o amigo, o familiar com quem nunca pode partilhar a sua vida. Uma vida feita de sacrifícios, mas também de momentos alegres e anedóticos, que são narrados com a mesma naturalidade, imbuídos de uma leveza que contrasta, felizmente, com os momentos mais dramáticos, como a notícia do assassinato de José Dias Coelho, a separação das filhas e o desfecho do processo judicial que interpôs aos assassinos do seu marido e que não lhe concedeu a justiça que procurava. A narração do processo judicial é o único momento em que se senta de costas para o público, enfrentando a mesa de madeira que representa a Justiça.

O 25 de Abril de 1974 surpreende Margarida em Matosinhos. Sai à rua, participa da euforia coletiva e, quando a ocasião se proporciona, apresenta-se ao mundo: "Margarida Tengarrinha, do Partido Comunista Português". Proferir o seu próprio nome sem receio foi o seu primeiro ato de liberdade, o segundo foi ver as filhas de quem há muito se despedira.

É um espetáculo de um só ator, uma só voz, poucos adereços e aparato cénico, que depende apenas da interpretação. O desenho de luz de Miguel Manso acentua os momentos mais intensos, fechando o foco na atriz ou expandindo a iluminação para toda cena em momentos mais enérgicos e alegres. Na parede do fundo são ocasionalmente projetadas imagens (Margarida enquanto jovem, a filha Teresa com o pai) que invocam uma vida familiar normal e exemplificam o que ficou perdido por força da clandestinidade. Catarina Requeijo consegue ser todas as identidades de Margarida Tengarrinha e a sua própria personagem de "profissional intermitente". Num tom de voz bem colocado, expressa alegria, tristeza, raiva e medo. O olhar direto, quase sempre pousado nos seus ouvintes, estabelece uma relação empática de proximidade. Os gestos frugais, do quotidiano, são simbólicos: o arrumar de um pequeno par de sapatos marca o afastamento da filha, os cartões ajudam a situar o público na narrativa, a mudança de figurino acompanha a mudança de identidade. Os figurinos, da responsabilidade da atriz, vestem na perfeição a personagem e as várias identidades: uma camisola xadrez sugere um ar mais sofisticado; um lenço no pescoço, modernidade; o mesmo lenço na cabeça molda o rosto de uma mulher do campo.

O trabalho dramatúrgico sobre o texto faz sobressair a carga teatral que ele já possuía, pois Joaquim Horta transpôs *ipsis verbis* as palavras de Margarida Tengarrinha para a boca de Catarina Requeijo. Se o texto de Margarida Tengarrinha já comporta em si um tom autoral, no qual o leitor revê as palavras e a eloquência da autora (patente em entrevistas e no espetáculo *Esta é a minha história de amor,* apresentado no Teatro Nacional D. Maria II entre 17 de março e 10 de abril de 2020, encenado por André Amálio, no qual, entre outros depoimentos ao vivo e em vídeo, Margarida Tengarrinha conta alguns dos episódios aqui narrados), o trabalho dramatúrgico reproduz a voz da autora, seguindo a lógica imposta pela memória, com avanços e recuos na linha do tempo. Aos vários episódios narrados no livro, Joaquim Horta adiciona outros, partilhados por Margarida Tengarrinha em conversas pessoais, que nos dão a conhecer melhor esse "quotidiano desprezado" dos heróis anónimos. Catarina Requeijo consegue corporizá-los e confere-lhes a interpretação emocional que o texto deixa adivinhar. *Memórias de uma falsificadora* (ed. Colibri, 2020) é uma narrativa sobre momentos bastante dramáticos da vida de uma mulher. Margarida Tengarrinha usa uma construção simples, onde a emoção é dada pelas ações descritas, pelos momentos presenciados. Joaquim Horta cingiu o período temporal da peça àquele em que Margarida Tengarrinha viveu na clandestinidade, deixando de lado as estadas no estrangeiro, em Moscovo ou na Roménia, onde a autora teve um papel importante na atividade partidária, ao lado de Álvaro Cunhal, e na Rádio Portugal Livre, que emitia a partir de Bucareste. De fora ficaram também muitos exemplos da luta da autora pela emancipação das mulheres, nomeadamente dentro do Partido Comunista Português, enquanto redatora da revista *Modas e Bordados* e membro do MUD juvenil (Movimento de Unidade Democrática). Margarida Tengarrinha lutou pelas mulheres e pela liberdade de forma ativa, Joaquim Horta fê-lo através de uma encenação que põe em evidência a constante dualidade que viver na clandestinidade implicava: ser o eu-clandestino e o outro-presente, em simultâneo. No palco, Catarina Requeijo replica essa dupla ação, contando sem interrupções a história de uma vida, mesmo quando muda os adereços ou de figurino, num gesto em tudo semelhante à vida da falsificadora, que ao mesmo tempo que era mãe, esposa e dona de casa, trabalhava metodicamente na sua oficina; que enquanto pegava nas malas e se mudava para uma outra casa e de identidade, continuava a sua intensa dedicação ao partido.

Fig. 4 – *Memórias de uma falsificadora*, enc. Joaquim Horta, Teatro Municipal São Luiz, 2022, [F] Estelle Valente / Teatro São Luiz

O espectáculo foi apresentado no São Luiz Teatro Municipal (em Lisboa), no âmbito da iniciativa *Mais um dia*, comissariada por Tiago Bartolomeu Costa, em parceria com o Museu Nacional do Teatro e da Dança, o Centro de Estudos de Teatro da FLUL, entre outras instituições, para assinalar o ano em que Portugal atravessa a linha em que viveu mais dias em liberdade do que em ditadura. Curiosamente, *Mais um dia* (2015) é também uma das últimas criações de Joaquim Horta, em que este inicia um trabalho sobre a memória e o quotidiano no período da ditadura portuguesa, num ciclo seguido pelo espetáculo *Amorzinho* (2016), baseado na narrativa epistolar, testemunha de uma banal história de amor nos anos 1930 e 1940 portugueses, e que agora se complementa com *Memórias de uma falsificadora.*

Joaquim Horta afirma que "a História faz-se de datas e nomes, mas também de muitos anónimos e de dias iguais numa rotina quotidiana". Da mesma forma que quebrou o anonimato quando se apresentou em Matosinhos, depois do 25 de Abril, também com a redação do livro, Margarida Tengarrinha mostrou que a História deve ser escrita por todos e nela inscritos os nomes dos indivíduos que de uma forma mais ou menos visível contribuíram para o seu avanço.

A estreia do espetáculo foi difícil e demorada: projetado para estrear em abril de 2020, no Teatro São Luiz, teve os ensaios interrompidos ao fim de dois dias, devido ao confinamento decretado pela situação pandémica. No final de abril de 2021 estreou no Museu do Aljube e a apresentação no São Luiz, programada para esse ano, foi novamente suspensa e substituída por um vídeo realizado nesse mesmo espaço e acedido *online* através do pagamento de bilhete. Finalmente, em abril de 2022, inserido no ciclo *Mais um dia*, chega ao local que lhe era destinado, na sala Estúdio Mário Viegas, e junta-se à celebração destes tantos dias de liberdade em que vivemos e que devemos agradecer a heróis clandestinos como Margarida Tengarrinha. Um espetáculo ideal para rever todos os 25 de Abril; ou quando houver dúvidas sobre o que é o heroísmo ou um ato heroico.

Fig. 5 - *Memórias de uma falsificadora*, enc. Joaquim Horta. Teatro Municipal São Luiz, 2022. [F] Estelle Valente / Teatro São Luiz